

O Padre Cícero

(Considerações sobre sua mentalidade e ação social) *

Fernandes Távora

Mui ilustre e prezado amigo padre Azarias Sobreira:

Há meses, agradeçí-lhe a remessa do seu precioso livro sobre o primeiro bispo do Crato, meu saudoso mestre e amigo D. Quintino, cuja personalidade de escol viverá perenemente na singela beleza daquelas páginas de sinceridade e de justiça.

Só agora me é possível atender à solicitação que me fez, no sentido de algo dizer sobre a psique do Padre Cícero, que ao meu distinto amigo se antolha «tão estranha e descôm-passada».

Confessou-me que deseja escrever um livro visando a *decifração* daquela personalidade, realmente interessante, e só motivos tenho de encorajá-lo nesse *desideratum*; pois, para essa delicada e escrupulosa dissecação da mentalidade do patriarca do Juazeiro, ninguém mais apto do que o sacerdote ilustre e ponderado que com êle conviveu, na maior intimidade, e, por mais de dois anos, lhe serviu de confessor.

Trazendo ao público o seu modo de ver sobre tão discutida personagem, fá-lo-á, estou certo, com inteira isenção de ânimo, no meritório propósito de esclarecer definitivamente, a coevos e pósteros, os pontos obscuros da vida desse homem, que tamanha influência exerceu sobre as populações nordestinas e, num dado momento, chegou a ser o árbitro dos destinos do Ceará.

A tarefa não lhe será difícil; e nenhuma dúvida tenho sobre o valor da obra que se propõe realizar, nem quanto ao êxito que a espera.

Até agora, escreveram sobre o anacoreta de Juazeiro os que o tiveram por amigo ou adversário, ou alguns que, em rápi-

* Carta dirigida ao padre Azarias Sobreira, que a transformou em capítulo de um trabalho inédito acerca do "Patriarca do Juazeiro".

da passagem pela sua tebaída, não dispuseram de tempo ou conhecimentos necessários para formar sobre ele juízo fundamentado e seguro.

Nem seria lógico esperar de tais biógrafos obra escôimada de paixões e errôneas; sobretudo, quando ainda vivo o homem que, involuntariamente, atraía sobre si tantos devotamentos e tantos ódios.

De mim, confesso que, seu adversário desde que ingressou na política, nossas relações particulares nunca sofreram solução de continuidade; e os apelos que algumas vezes fêz aos meus serviços médicos, atestaram a integridade da sua confiança no profissional amigo, a quem, entretanto, nunca amparou nos prélios eleitorais . . .

Conhecendo o seu verdadeiro estado mental, não lhe quis mal, por isso; e, embora tantas vezes combatido, nunca lhe falei com o meu perdão, pois conhecia o seu estado mental e bem sabia qual o verdadeiro inspirador dos seus atos políticos.

Entro, agora, no campo das recordações.

Era eu bem criança, quando vi o Padre Cícero pela primeira vez, em casa do então vigário do Crato, meu saudoso tio e padrinho, monsenhor Dr. Antônio Fernandes da Silva Távora, ex-colega de seminário e muito amigo do capelão de Juazeiro.

Este, de longe em longe, aparecia em casa do vigário, com a barba, cabelos e coroa a reclamarem tesoura e navalha, e toda indumentária impondo completa substituição. Após uma poda em regra, e metido em batina, chapéu e sapatos novos, lá se ia o Padre Cícero para sua capelania, de onde volvia, tempos depois, no mesmo estado de negligência pela sua pessoa, a pesar das amistosas admoestações de Monsenhor Távora.

Nessa época, era o homem mais humilde e despreocupado da sua pessoa e dos bens terrenos que se possa imaginar.

Não recebendo qualquer importância pelos serviços eclesiásticos que ministrava, vivia, como verdadeiro apóstolo, das pequenas dádivas de gêneros alimentícios que os fiéis, espontaneamente, entregavam à caseira, e suas mãos não tocavam em dinheiro.

Em 1889, surgiu o caso dos "milagres de Juazeiro", de que foi protagonista a *beata* Maria de Araújo, e que tão decisiva influência iria ter na vida do humilde capelão.

O fato que mereceu tão alta qualificação consistia em tomar a hóstia coloração mais ou menos rubra, quando o padre a depositava na língua da *beata*, que passou a ser considerada santa, pelas populações circunvizinhas.

Padre Cícero, homem simples e de poucos conhecimentos, acabou por convencer-se, também, de que havia naquele corriqueiro

fenômeno de hemo-sialorréia (saliva sanguinolenta) algo de sobrenatural, que seria mesmo o sangue de Cristo. (1) Diversos padres da região foram de igual parecer, inclusive o reitor do Seminário do Crato, que eu, então, cursava.

Sei bem que divergiam dêsse modo de ver os monsenhores Távora e Manuel Cândido, e lembro-me que o padre Quintino, meu professor, nenhum entusiasmo manifestou pelo caso, sendo de crer que a sua reserva significasse apenas uma deferência ao seu superior hierárquico — Monsenhor Monteiro.

As conseqüências dêsse fato são do domínio público e não vale a pena esmiuçá-las.

Basta lembrar que o então bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, homem de sólidas virtudes e regular cultura, tudo envidou, no sentido de pôr termo à credice sempre crescente, que já se esteava no beneplácito de vários membros do clero e, o que era mais lastimável, em atestados de três médicos!

Iniciou-se, então, um novo estágio na vida mental do Padre Cícero.

Ele, que fôra, até aquela data, criatura humílima e absolutamente submissa aos seus superiores hierárquicos, insurgiu-se, publicamente, contra as decisões e ordens do bispo diocesano, proclamando ser milagre aquilo que D. Joaquim condenara como superstição, incompatível, por conseguinte, com os dogmas e ensinamentos da Igreja.

Por que assim agiu o padre, contrariando todo o seu passado de submissão e de renúncia?

Muitos interpretaram essa brusca mudança como o despertar de paixões mais ou menos bastardas, sobressaindo, entre elas, o incontido desejo de ouro e de poder, por que, com o prestígio incontrastável que lhe adveio, igualmente lhe chegou a abastança, se não a riqueza.

Houve nesse modo de pensar um grave êrro de interpretação, acarretando uma injustiça, que deve ser reparada, sobretudo por aqueles que se propõem a falar para a posteridade.

O capelão de Juazeiro, cujo equilíbrio mental sempre fôra precário (como seria fácil de provar com fatos diversos), sofreu, naquele rijo combate entre a sua credice e a autoridade diocesana, um choque profundo, que lhe transformou por completo a personalidade.

Absolutamente convencido do milagre (a transformação da hóstia em sangue) e amparado pela opinião de alguns sacer-

(1) Hemo-sialorréia, como alvitre, ou simples sangue sugado das gengivas fungosas, como pensa o meu ilustre colega e amigo Dr. Castro Medeiros, isso em nada altera o meu raciocínio.

dotes e de representantes da ciência oficial, o Padre Cícero não concebia como alguém pudesse duvidar daquilo que lhe parecia evidente, a não ser que, *propositadamente, o quisessem hostilizar*, e acabou, mui logicamente, por insurgir-se, primeiramente, contra o bispo e, posteriormente, contra a Santa Sé. Em relação a esta última, a resistência foi passiva, mas, nem por isso, deixou de exprimir uma rebeldia.

Mas quem assim agia já não era o Padre Cícero, humilde, desprendido e submisso de outros tempos, se não o homem mentalmente transformado, que, vítima de fortíssima ilusão (ou melhor, "delusão", como dizem os ingleses), fugira inteiramente às realidades do meio em que vivia e, por tanto, dêle se alienara.

Essa dupla interpretação errônea do fenômeno fisiopatológico (a hemo-sialorréia) e do psicológico (o pensamento dos seus superiores), foi o ponto de partida, o germe do seu delírio. Por que acreditara estar com a verdade, rebelou-se contra os que nela não criam, e, em tôrno dessa falsa premissa, se desenvolveram os seus raciocínios, aparentemente justificáveis, mas, na verdade, tão inconsistentes como a base em que se firmavam. Os atos posteriores de sua vida não poderiam ter outra diretriz se não aquela que, logicamente, decorria do falso ponto de partida, por que, nos doentes dessa espécie, o raciocínio é, mais ou menos, perfeito, não lhes faltando mesmo uma certa argúcia para *despistar* (permita-se-me o neologismo da moda) aos que procuram sondar-lhes o espírito.

As modificações mentais vieram naturalmente, como corolário da nova personalidade: o apêgo ao dinheiro, a transformação da indumentária, o gosto pelo poder, a iniciação política, a convicção do seu prestígio, etc. .

Tudo isso, é bem de ver, inteiramente contrário aos seus antigos hábitos e pendores; mas, agora, reclamado pela nova mentalidade, palco em que se agitavam os mais desconhecidos sentimentos, a final cristalizados num claro delírio de grandezas.

Essa positiva mutação da personalidade do velho sacerdote, evidentíssima aos olhos de quantos o haviam conhecido em anos passados, — não podia ser apreendida pelos que iam chegando, de todos os quadrantes do País, à futura Meca nordestina.

Encontraram-se, assim, em Juazeiro, naquele momento histórico, duas poderosas tendências que deveriam sómar-se, seguindo o mesmo rumo, como a resultante de um grande paralelogramo de forças psíquicas.

Entre essa gente adventícia e o Padre Cícero, estabeleceu-se uma corrente de forte simpatia, logo transformada em solidariedade absoluta, cujos elos, fundidos no cadinho de uma

admiração ilimitada, foram constituídos desse duplo material imponderável, mas indestrutível: — a crença ingênua e insopitável da massa ignara, que precisava adorar, e a intrastejável convicção do delirante, que se julgava merecedor dessa adoração.

Se a maioria dos contemporâneos do Padre Cícero não logrou decifrar-lhe a psicologia bizarra, embora não faltassem homens de regular cultura no Ceará e na própria zona em que vivia, muito menos o poderia fazer a multidão fanática, remansada na certeza feliz da ignorância, que não conhece os acúleos da dúvida, e para a qual ele era nada menos que um semideus. É de justiça ressaltar que o povo do Cariri, na sua maioria, não acreditava nos chamados milagres de Juazeiro, fôsse pela influência de alguns dos seus vigários, fôsse pelo natural antagonismo que logo se estabeleceu entre autóctones e ádvenas.

No que tange à população mais culta, o fato era ainda mais acentuado.

Conheci um proprietário nas imediações de Juazeiro (2) que, quando mais intenso era o fanatismo dos romeiros, proferiu, com tanta segurança quanta ousadia, estas palavras, verdadeiramente notáveis: «Ninguém se engane. O Padre Cícero começou como missionário, breve estará milionário e acabará revolucionário.»

A sentença do arguto juazeirense não foi somente uma vaga profecia; foi, antes de tudo, um admirável prognóstico, tão perfeito, que o mais abalizado psiquiatra não o faria melhor.

Lembra o meu ilustre amigo haver sido eu, talvez, o primeiro a classificar o estado mental do patriarca de Juazeiro, incluindo-o no quadro da paranóia.

Creio ser verdade o que presume, pois naquela época não me consta que alguém fizesse esse ou outro qualquer diagnóstico, mesmo por que nem todos queriam arrostar os percalços de colocar o Padre Cícero no rol dos insanos.

Convencido de que todo o problema religioso e social de Juazeiro girava em torno da incompreensão do verdadeiro estado mental do seu dirigente, sempre que se me asava oportunidade, manifestava a minha opinião a D. Quintino Rodrigues e outras autoridades civis e eclesiásticas, no intuito (que me parecia caridoso) de isentar de imensa responsabilidade moral o velho e honrado sacerdote, que, na verdade, já não podia responder pelos seus atos.

Preciso, agora, justificar esse velho diagnóstico.

Que é paranóia? Dupré definiu-a magistralmente: «O

(2) Coronel Rochinha (das Malvas), pai do engenheiro Teógenes Rocha, do quadro da Inspeção de Estradas.

conjunto dos estados psicopáticos constitucionais, degenerativos, em que o orgulho e a desconfiança, associados à fraqueza e à falsidade do julgamento, chegam à edificação de sistemas delirantes interpretativos, não alucinatórios, de natureza variável, sobretudo de perseguição e de grandeza, no curso dos quais uma idéia fixa, prevalecente, domina o espírito, orienta a conduta do indivíduo e acaba, em sua extensão progressiva, por empolgar toda a sua atividade intelectual e prática.»

E o acatado Kroepelin assim se manifesta:

«Nesta singular afecção [a paranóia], em que a autofilia e as idéias de perseguição se desenvolvem com a maior lentidão, sem que a vontade ou a emotividade sejam perturbadas, instala-se um sistema produzido ao mesmo tempo por um delírio ou por um modo especial de tudo interpretar por meio desse delírio.

Estabelece-se uma certa maneira de ver, toda particular, que o doente adapta a cada acontecimento que o impressiona.

A marcha é essencialmente lenta e crônica. Os pacientes começam por ter *suspeitas*, que muito cedo se mudam em *certeza*, para, finalmente, se transformarem numa *convicção inabalável*.

As idéias delirantes se enxertam sobre fatos que são submetidos a uma interpretação patológica. Como os doentes não chamam muito a atenção, sua afecção pode passar despercebida, longos anos.»

E acrescenta o ilustre psiquiatra alemão:

«Não há como esperar a cura de uma entidade mórbida que repousa sobre a completa modificação do organismo psíquico.»

Creio não haver necessidade de outras citações, pois as duas que fiz, de mestres autorizadíssimos, resumem, perfeitamente, a sintomatologia e evolução da paranóia.

Se analisarmos, com atenção, a vida do Padre Cícero, verificaremos que ela foi sempre deficiente, não só em relação à mentalidade, como a outras funções fisiológicas. Bastariam, para justificar esta asserção, os constantes êxtases em que caía, durante horas, e a sua absoluta castidade ou, melhor, frigidez, por todos proclamada.

E, realmente, nunca houve quem lobrigasse, na longa vida do velho sacerdote, a sombra de uma mulher . . .

Foi nesse organismo mioprágico que o choque profundo do desentendimento com as autoridades eclesiásticas evidenciou a paranóia. Não fôsse isso, mui provavelmente, Juazeiro e o Padre Cícero não teriam história . . .

Após esse evento, tudo nêle mudou: assumiu uma atitude de rebeldia contra o bispo diocesano, assegurando ao povo serem verdadeiros milagres (uns fenômenos de vulgar pitiatismo),

em que não acreditara nem poderia acreditar aquela esclarecida autoridade eclesiástica; continuou a incentivar, dessa arte, a crença cega das populações ignorantes; cuidou melhor de sua indumentária; não mais lhe repugnaram os bens materiais, que se prontificou a receber, como procurador de N. Senhora das Dores; não desdenhou mais o dinheiro, pelo qual já não experimentava a idiosincrasia de outrora; sentiu-se envaidecido do seu prestígio e até dos restritos conhecimentos, que sempre procurava exhibir; e, a final, deixou-se arrastar na torrente política, que o levou à sedição.

Pouco importa saber se essa última atitude se originou do desejo de engrandecer Juazeiro, ou das insistentes e mirabolantes sugestões do Dr. Floro Bartolomeu, visando os pingues proventos que dela lhe advieram. De qualquer forma, ela significou a hipertrofia de uma personalidade que procurava expandir-se num anseio de glória e de poder: era a valada expressão do delírio de grandezas, que, nos anos subseqüentes, se manifestou em toda plenitude.

Dois fatos bastarão para prová-lo, sem a menor sombra de dúvida.

Conversando com um ilustre oficial do exército, que fôra a Juazeiro em missão especial, disse-lhe o Padre Cícero, com a maior naturalidade, querendo provar o seu prestígio: *«Quando houve aquela grande perseguição aos judeus, na Rússia, eu telegrafei ao Czar, e ele, imediatamente, mandou suspendê-la. Também, quando foi da guerra dos Balcãs, telegrafei ao imperador Francisco José, da Áustria, pedindo-lhe que intervisse no sentido de pôr termo àquela luta cruel, e tive o prazer de ser atendido, cessando logo a guerra.»*

Falava com os mais poderosos monarcas da Europa, como de igual para igual, e o fazia com inteira convicção...

Essa convicção do seu prestígio incontrastável é ainda confirmada pelo seguinte fato: numa das vezes que Lampião esteve em Juazeiro, recebeu do Padre Cícero, ajoelhado a seus pés, um cartão, concebido nestes termos: «Snrs. engenheiros da fábrica do côco babaçú, em Maranhão. É portador do presente o Snr. Virgolino Ferreira, com outros companheiros, que peço colocá-los em seus trabalhos, pelo que agradece o velho sacerdote Padre Cícero.»

Logo após, disse a um seu amigo: «Homem, acabei de converter Lampião. Ele vai-se colocar nos trabalhos da Usina de Côco Babaçú, no Maranhão, e lá ninguém o perseguirá, e está o homem regenerado!» E sublinhou essa declaração com um sorriso de vitória.

Padre Cícero, entretanto, nem sequer conhecia os tais engenheiros aos quais se dirigira, solicitando a colocação do cangaço e seus sequazes, e nem mesmo sabia onde estava localizada a usina a que se referia. Estava certo, porém, de que seria imediatamente atendido e que ninguém tocaria nos seus recomendados...

Lampião dirigiu-se, realmente, para o Maranhão, mas a polícia piauiense fê-lo voltar aos sertões baianos.

Aí temos, pois, todos os dados para resolver o problema psíquico em aprêço: terreno mental mioprágico, traduzido num conjunto de estados psicopáticos constitucionais, degenerativos; transformação profunda da personalidade, sem notáveis perturbações da vontade e da emotividade; delírio de perseguição, algo velado, e de grandeza, evidentíssimo; organização de um sistema interpretativo, não alucinatório, com prevalência de uma idéia fixa, que lhe empolgou o espírito e orientou toda a sua atividade religiosa e social; marcha lenta e crônica; incurabilidade.

Ante sintomatologia tão completa, não sei como possa alguém cogitar de outro diagnóstico que não o de paranóia.

Eu não encontro motivos para discrepar do que formulei, há tantos anos, e agora reïtero, com integral convicção.

Assaz me tenho alongado no analisar, embora perfunctôriamente, a fácies patológica do patriarca de Juazeiro, e não devo terminar esta exposição, sem dizer algo do que penso acerca dos seus sentimentos e da ação por êle exercida no meio em que viveu.

Ficou dito, linhas acima, que a emotividade e a vontade subsistem, mais ou menos íntegras, no paranóico.

Ora, Padre Cícero era um homem de ótimas qualidades morais, e estas nunca deixaram de manifestar-se, no decurso da sua vida patológica: não esqueceu suas velhas amizades, dava esmolas, educava, por sua conta, grande número de moços pobres, protegia aos que lhe pediam amparo contra os poderosos, como-via-se ante a perseguição aos judeus e o derramamento de sangue na guerra dos Balcãs, aconselhava a todos a ordem, a honra e o trabalho.

Seu desejo de fazer o bem chegava ao ponto de aconselhar aos criminosos que «emigrassem para Goiaz e, lá, onde não eram conhecidos, mudassem de vida, reconciliando-se com Deus e a sociedade».

Um senador goiano tratou dêsse assunto no Congresso, estranhando que o Padre Cícero fizesse ao seu estado tais presentes...

Mas a verdade é que o sacerdote, por entre as névoas do seu delírio, não divisava celerados, se não homens convertidos ou conversíveis, pelo poder da sua vontade e da sua palavra.

Os políticos e desafetos o responsabilizaram pelos prejuí-

zos decorrentes da sedição de Juazeiro, o que parecia lógico, visto ser êle o chefe espiritual daquele movimento. Sabe-se, entretanto, que suas ordens aos romeiros foram terminantes, no sentido de respeitarem a propriedade e a honra das famílias.

Atentados houve, é certo, contra a propriedade; mas força é confessar que correram, na sua maior parte, por conta de elementos que se juntaram, à última hora, às hostes de Juazeiro, praticando vinganças e expoliações, à revelia dos seus comandantes.

É fácil imaginar o que teria acontecido às populações indefesas do sul do Estado, se os defensores de Juazeiro não tivessem a travar-lhes o instinto a autoridade moral incomparável do Padre Cícero.

O serviço imenso por êste prestado à sua terra e aos seus concidadãos, naqueles dias de um tremendo ajuste de contas, não foi e nem será jamais avaliado, por que, na vida coletiva, como na individual, raríssimos são os capazes de aquilatar os benefícios da profilaxia: o indivíduo só os reconhece quando a saúde se foi, à mingua de cuidados; as nações só lhes choram a falta após as catástrofes...

Eu mesmo, naqueles momentos de paixão contagiante, me manifestei contra as depredações que me diziam terem sido praticadas pelos romeiros, e cheguei a verberá-los fortemente, pela imprensa.

Verifiquei, depois, o exagêro dos meus informantes e a paixão dos meus comentários.

Valha esta espontânea confissão como preito à memória do homem a quem certamente há de ter magoado meu apressado julgamento.

Pensaram muitos que o Padre Cícero era um abúlico, por que assinou documentos e praticou atos em visível contraste com os seus sentimentos.

Não se lembraram êsses críticos da ação incontrastável que sôbre êle exercia o Dr. Floro Bartolomeu, conhecedor perfeito de sua psicologia e homem cujos escrúpulos deixavam muito a desejar.

É certo, entretanto, que muitas vezes se insurgia contra as descabidas exigências do aventureiro, que, só apelando para a hipótese de um rompimento (que, aliás, não seria capaz de efetivar), conseguia o seu intento, via de regra inconfessável.

O chamado de Lampião a Juazeiro é, disso, um exemplo frisante: o padre, embora assaz constrangido, teve de tolerar a presença do bandido e seus ásseclas naquela cidade, para não deshonrar a palavra empenhada daquele que supunha seu amigo e, na realidade, era apenas o inescrupuloso explorador da sua en-

fermidade e do seu prestígio. Foi para satisfazê-lo que o patriarca juazeirense consentiu em ordenar a resistência de seusromeiros contra as forças legais do Cel. Franco Rabelo, que não soube evitar a tempestade política armada pelos seus astutos adversários.

Houvesse aquele governante atendido ao seu amigo Dr. Belisário Távora, que, mais de uma vez, o aconselhou a não hostilizar o Padre Cícero, e este, certamente, não teria amparado com o seu prestígio uma rebelião que, no seu entender, era apenas uma legítima defesa.

E nem poderia ser de outra forma, pois a um paranóico poderoso não se menospreza impunemente.

Acostumado à veneração e obediência que cegamente lhe tributavam as populações nordestinas, não tolerou a hostilidade de um governo com o qual sempre manifestara o desejo de viver em paz.

Não creio, porém, como o Dr. Irineu Pinheiro, que o aludido sentimento de legítima defesa lhe houvesse ditado as declarações testamentárias de *não haver feito revolução e de não ter a menor parcela de responsabilidade direta ou indireta na luta de 1914, no Ceará.*

A todos parecerá estranha e despropositada tal declaração, menos aos que, acompanhando a evolução da sua moléstia, lhe assistiram ao lento desagregar da personalidade, até sua diluição nas trevas da demência.

Evidentemente, ninguém poderia negar a decisiva influência do Padre Cícero na sedição de Juazeiro, e ele mesmo disso se vangloriava, no período agudo da sua enfermidade.

Mas o Padre Cícero que ditou o testamento já havia atingido à última fase da paranóia, e, no seu cérebro, donde o estado demencial varrera a lembrança dos fatos menos remotos, já não havia lugar para a coerência, incompatível com as grandes amnésias.

Sob as cinzas da antiga personalidade permaneciam apenas os sentimentos bons, que sempre o animaram e só com a vida se extinguiram.

Foram estes que, automaticamente, abrolharam naquelas declarações do seu testamento, última página em que abriu para a posteridade os íntimos refolhos de sua alma, então, como sempre, plena de caridade e de mansuetude.

Padre Cícero, creio sinceramente, nunca desejou a luta, a que, finalmente, o arrastaram as inhabilidades do situacionismo e, sobretudo, as continuadas sugestões e desesperados esforços de Floro Bartolomeu e outros — *de seditione querentes* —, que

nada tinham a perder e tudo esperavam ganhar, naquela sangrenta aventura.

Historiadores e sociólogos indagarão quais os benefícios decorrentes da extraordinária influência exercida pelo Padre Cícero sobre as populações que, por cerca de meio século, ante êle se prostraram, na mais absoluta reverência, dêle recebendo o santo e a senha.

Infelizmente, tôda essa imensa força e prestígio pessoal, os maiores de que já dispôs um homem, neste país, resultaram inúteis.

A não ser um certo incremento da lavoura, nas regiões circunvizinhas, naturalmente derivado da abundância de braços, nenhum outro benefício foi realizado pelas sucessivas ondas humanas que, durante décadas, se dobraram aos pés do taumaturgo, sem par na nossa história.

No campo social, nenhum avanço, por que se não abriram as avenidas da instrução aos brancos ádvenas; na esfera religiosa, a petrificação dos espíritos, na imobilidade do fanatismo.

O meu ilustre amigo professor Lourenço Filho afirma que não pôde conseguir a boa vontade do Padre Cícero, no sentido de incrementar a instrução primária em Juazeiro.

Eis um outro aparente paradoxo, só compreensível e explicável pelos que conheceram intimamente os homens e cousas daquela terra.

Padre Cícero sempre amou a instrução e desejou vê-la difundida em sua cidade natal, como poderão dar testemunho diversos moços, que, a expensas dêle, se educaram, desde a escola primária aos cursos superiores.

Se não atendeu ao esforçado e digno Diretor da Instrução Pública do Ceará, terá sido por causa estranha à sua vontade.

Havia uma força maior que o impedia de fazê-lo: Floro Bartolomeu, a quem não agradava nem convinha qualquer tentativa no sentido de diminuir a treva mental dos romeiros, condição indispensável ao prestígio do Padre Cícero, *ergo* à medrança e ao futuro do seu valido.

A êste e não ao velho enfêrmo devem os homens pedir contas pelo mal que se fêz, como pelo bem que se deixou de fazer, em Juazeiro, num grande lapso de tempo.

Padre Cícero vivia a sonhar com tôda sorte de melhoramentos para seu município, planejando fábricas, colégios, orfanatos e até o acantonamento de uma unidade do exército, chegando a oferecer terreno para um quartel, como para um campo de aviação.

Mas, ou por que o impedissem as sugestões e conselhos interesseiros do seu *alter-ego*, ou pela falta de continuidade das

suas resoluções e pensamentos, nunca chegou a realizar êsses desejos, tantas vezes manifestados.

Entretanto, o fato de haver legado todos os seus bens aos padres salesianos, com a condição expressa de fundarem e manterem dois colégios para crianças pobres, em Juazeiro, confirma plenamente êsse juízo.

E assim, de tudo que lhe deram, uma parte distribuiu de esmolas *intra vitam*, a outra legou às gerações futuras, a primeira das quais será esta, filha daqueles que êle, em vida, socorreu.

Excluídas as parcelas que os exploradores de todos os matizes lhe extorquíram, o que do povo recebeu a êle ou a seus filhos restituiu, com perfeita lisura.

Outro houvesse sido o mentor do Padre Cícero e êste, convenientemente orientado, ter-se-ia transformado num incomparável instrumento de progresso e civilização, não só para o Cariri, como para todo o Nordeste.

Dominado, porém, por um homem despido de escrúpulos e profundamente ambicioso, foi quase uma força cega da natureza, produzindo, não raro, malefícios, onde, certamente, quisera fazer o bem.

Manda a justiça, entretanto, que, sobre êsse aventureiro, não se lance tôda a culpa, por que, sem os favores oficiais, bem restrito seria o seu poder. (1)

Ela deve ser atribuída em grande parte aos políticos então dominantes, que, com exceção do Gal. Benjamim Barroso, nunca foram esquivos de favores e honras ao verdadeiro senhor de Juazeiro, a pesar da desconfiança, má vontade e mesmo ódio, que muitos lhe votavam.

Referindo-se a êsse lastimável proceder dos chamados partidos cearenses, então dominantes, diz Lourenço Filho (2), com sinceridade e altivez pouco vulgares:

«A maneira pela qual se têm conduzido ambos os grupos, demonstra-o de sobejo. Ambos têm cortejado, mais ou menos abertamente, as graças do “terrível” Patriarca de Juazeiro [o grifo é meu].

Ambos se têm submetido a êle, incondicionalmente.

Ambos o têm reconhecido como soberano absoluto de uma vasta região do Estado, talvez a mais rica de todo o Nordeste; ambos o têm sagrado como chefe de um “colégio eleitoral” enorme, que é a mais afrontosa burla do sistema eleitoral dos nossos tempos.»

(1) Em artigos publicados sob o título — Juazeiro em Foco —, na “Nordeste” de Junho de 1925 o padre Dr. Manuel de Macedo des-

E, páginas adiante, acrescenta o mesmo autorizado professor :

«Juazeiro é um índice do absoluto empirismo com que não agido sempre os nossos governantes em face dos maiores problemas sociais do País.

Incapazes de prevenir os males naturais a que aquelas terras estão sujeitas, não só têm errado, muitas vezes, mas têm tripudiado sobre a ignorância e a miséria, procurando colher, sobre um caso tão clamoroso, seguros proventos pessoais.»

.

O Ceará, em verdade, sofreu e sofrerá (Deus sabe até quando) os efeitos de lastimável involução social, oriunda dessa mesquinha e nefasta atitude de seus políticos e governantes, via de regra pasmosamente imediatistas ou displicentes, se não carentes de visão política.

Viam em Juazeiro uma sociedade aberrante das normas religiosas e da própria civilização, clamavam contra a atuação do Padre Cícero, que temiam e injuriavam, mas nunca tiveram a coragem de arcar contra aquele feudo, que, depois da luta de 1914, se tornou, para eles, intangível . . .

E, assim, Floro Bartolomeu, homem inculto e mau, mas atilado e manhoso, duplamente apoiado, pelo Padre Cícero e pelo poder público, dirigiu Juazeiro no sentido de seus torvos desígnios e (por mais que me pêsse dizê-lo), influu, durante muitos anos, nos destinos do Ceará.

Constrange-me emitir, sobre aqueles que, em vida, me foram adversos, opiniões que, por desabonadoras, possam parecer desprimorosas.

Mas não me seria possível dizer a verdade inteira, sobre o Padre Cícero, sem agir da mesma forma em relação ao seu valido, por que, do contrário, deixaria à conta daquele sacerdote culpas que lhe não cabem, e atiraria sobre o verdadeiro delinquente o manto do olvido, demasiada misericórdia a que não fez jus quem tantos malefícios acarretou à minha terra e à minha gente.

Preferia beneficiá-lo com aquele cristianíssimo *de mortuis aut bene, aut nihil*; mas a História não justifica nem perdoa as omissões piedosas.

vendou ao público aspectos interessantes da psicologia do Dr. Floro Bartolomeu e da sua atuação na terra do Padre Cícero. Quem se der ao trabalho de ler aqueles artigos, verá que me não afastei da verdade, aliás apenas afluída nesta epístola.

(2) Juazeiro do Padre Cícero, pág. 212.

Disse, em formosa síntese, Madame de Staël, que «tudo compreender é tudo perdoar»; e eu tentei fazer compreendido o drama social, político e religioso de Juazeiro, para que, sôbre os seus personagens, possam as gerações futuras assentar, com justiça, o definitivo julgamento.

Aí tem, meu distinto amigo Padre Azarias, um desvalioso, mas sincero depoimento, com o qual talvez lhe seja possível propiciar à memória do Padre Cícero a justiça do presente, sem a qual, mui problemática, se não impossível, será a do futuro.

Possa êle auxiliá-lo, de algum modo, na obra meritória da reparação, apresentando ao público, sob seu verdadeiro aspecto, êsse asceta singular, que deslizou pelo mundo *velut umbra*, quase à margem da vida, que êle tangenciou por mais de 90 anos, à dúbia luz de um perene crepúsculo, combatido ou málsinado por uns, respeitado e quiçá adorado por muitos, incompreendido por quase todos.

Vítima de uma organização deficiente, que o fadou à insanidade psíquica, por isso mesmo não devia conta de seus atos ao tribunal humano, mas tão sòmente à eterna Justiça de Deus, que lhe não terá negado o suave regaço de sua misericórdia, por que êle foi um caridoso semeador de esperanças, um piedoso e bom, que passou pela terra consolando.

Fortaleza, Dezembro de 1938.